



NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO II

Nº. 8

EDIÇÃO DA

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C. G. C. 82 723 933/0001

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob nº 02 no Livro de Registros de Pessoas
Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicado trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Composta e impressa na Oficina da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

ANO II

Outubro, Nov. e Dezembro de 1978

Nº. 8

Sumário

	Página
OS "VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA" DE BRUSQUE NA GUERRA DO PARAGUAI	86
HISTÓRICO DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE BRUSQUE - HOJE PARÓQUIA EVANGÉLICA LUTERANA DE BRUSQUE	91
A RUA DAS CARREIRAS	96
PERSONALIDADES DO PASSADO BRUSQUENSE	98
BRUSQUE EM 1910	
DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO MAXIMILIANO DE SCHNEEBURG — A GRANDE ENCHENTE DO RIO ITAJAÍ MIRIM, EM 1862	105

CAPA: Concepção e gentileza de Wolfgang L. Rau

Clichê: vista parcial da Vila de Brusque no início do século.

Os “Voluntários da Pátria” de Brusque na guerra do Paraguai

NOTA: EXATAMENTE 13 ANOS DEPOIS, VOLTO A DAR PUBLICIDADE A ESTAS NOTAS, NESTA NOSSA REVISTA, NA ESPERANÇA DE DESPERTAR, EM NOSSOS ADMINISTRADORES, A CONSIDERAÇÃO QUE BEM MERECEM OS NOSSOS ANTEPASSADOS, “VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA”.

No dia 14 de Outubro de 1865, há 100 anos, em uma lancha e duas canoas, partiram da então colônia Itajahy-Brusque, rumo à Capital da Província, 25 voluntários que atenderam à convocação da Lei nº. 3.371 de 7 de Janeiro desse mesmo ano, do Governo Imperial.

Contando apenas 5 anos, Brusque ofereceu esse apreciável número de voluntários, graças às atividades empreendidas por Maximiliano de Schneéburg junto aos colonos germânicos, que sabia em condições necessárias e qualidades para defenderem sua nova Pátria. O alistamento foi rápido, aproximadamente 15 dias, pois o diretor recebera, nos primeiros dias de Outubro, ofício do presidente da Província, autorizando-o a abrir o voluntariado.

Houve uma série de pequenos incidentes relacionados com a convocação, provocados pelo agrimensor Frederico Heeren e Guido de Sekendorf, ex-secretário da Colônia, ambos pretendendo disputar com o Barão a autoridade e a primazia do Voluntariado. Schneéburg, entretanto, contornou diplomaticamente a situação, mantendo a dignidade de seu cargo e da missão orientadora do alistamento. Realizaram-se algumas reuniões preparatórias e de esclarecimento, especialmente com relação aos benefícios que teriam os conscritos e suas famílias. O governo concedia um abono de 300\$000 a cada voluntário engajado e o Barão entendeu-se com o Presidente da Província pedindo para que cada um recebesse, antes da partida, a metade daquela importância. Outras quotas seriam concedidas mensalmente, destinadas às Famílias e descontadas de seus soldados. Cada voluntário, ao partir, recebeu uma ajuda de 15\$000. Ultimadas as providências em reunião realizada numa taberna da sede, seguiram os voluntários sábado, 14 de Outubro. O percurso deu-se normalmente até a Barra do rio de onde marcharam até a sede da vila de Itajahy, embarcando dias mais tarde rumo a Desterro. Schneéburg acompanhou os seus voluntários, confiando-os então a Guido de Seckendorf, já no posto de tenente. Eis a relação:

Guido de Sekendorf — Tenente

Augusto Peters — cabo

Roberto Schmidt, Ricardo Vollrath, Frederico Moritz, Germando Glockenkemper, Valentin Schaefer, Simão Habitzreuter, Eduardo Bec-

ker, Eduardo Bachmann, José Schorck, Guilherme José Oelhafen, João Schwanberger, Antônio Dinkelborg, Emílio Puhmann, Vicente J. Barth, João José Hermes, José Schlindwein, Augusto Jansen, João Zabel, Cosmo Vogel, Francisco A. Day, Guilherme Oestrenger e um brasileiro cujo nome não consta da relação.

Quando foram recolhidos os documentos que se encontravam em Florianópolis no Departamento de Terras e Colonização, entre os quais se encontravam os que ilustram estas linhas, julguei ter sido Raymundo Rodrigues, de côr preta, o brasileiro cujo nome não se acha registrado. Dele adquiri uma espada de cavalariano, atualmente figurando no Museu da "Casa de Brusque". Entretanto, há pouco tempo, deparei com um exemplar do jornal "Brusquer Zeitung", de 1912, informando que naquele ano viviam em Brusque, Francisco A. Day e José Galiza, veteranos da Guerra do Paraguay. Consultei pessoas idosas, contemporâneas dos dois velhos soldados, as quais confirmaram a nota do jornal inclusive que José Galiza era brasileiro. Até serem encontrados outros elementos, perdura a dúvida quanto à identidade do voluntário brasileiro. Os nomes dos voluntários citados constam da relação que inclui outros, das Colônias Dona Francisca, Blumenau, Terezópolis e S. Pedro de Alcântara, lista assinada por Victor de Gilsa — capitão, Emílio Odebrecht — tenente e Guido Sekendorf — tenente.

Mais tarde Eugenio Rieger, um dos primeiros que se apresentou ao Barão, recebeu autorização para reunir novos voluntários. Conseguiu sete, que com ele seguiram no dia 8 de Fevereiro de 1866: Bernardo Josiger, Detlef Sacht, Antônio Boos, Henrique Sacht, Germano Boos, Henrique Doreakot e Antônio Straub. Além de Rieger, Guido de Sekendorf e Alexandre Rufener, médico da Colônia, foram os primeiros que se apresentaram, tendo Schneéburg, em carta ao Presidente da Província, os recomendado ao oficialato. Rufener, entretanto, não seguiu, retirando mais tarde sua inscrição.

São poucas as notícias que temos com relação ao destino que tiveram os nossos voluntários. Guido de Sekendorf transferiu-se para Blumenau, segundo apontamentos em documentos daquela Colônia. José Schork serviu dois meses, recebendo baixa em virtude de questões familiares. Em 1867 Roberto Schmidt foi dispensado por inválido, ao posto de 2º. sargento e ao apresentar-se ao diretor da Colônia, pediu a pensão a que tinha direito. Ainda em 1877, dia 16 de Novembro, esposas de voluntários que ainda se encontravam no Paraguai requereram ao Ministro da Guerra meios para sustentarem seus filhos frisando que a situação era insustentável. O requerimento foi devolvido ao diretor Barzilar Cottle, por falta de selo! O Pastor evangélico Henrique Sandrescky, segundo documento original em poder da S.A.B., recebia parte dos soldos dos soldados, entregando-os às esposas ou familiares responsáveis. Registrou Sandreczki no Livro de Tombo da Comunidade, o nascimento de um filho do voluntário Augusto Peters, ocorrido no dia

12 de Março de 1866. Em 1871, 27 de Abril, Francisco A. Day requereu um lote de terras na qualidade de veterano da Guerra e de acordo com o decreto 3371 de 7 de Janeiro de 1865, tendo Maxifiliano de Borrovsky, na direção interina da Colônia, considerado justo o pedido de Day. Novamente Day, em 21 de Maio de 1872, e os seguintes veteranos: José Schlindwein, Roberto Schmidt, Frederico Moritz, Augusto Peters, Jorge Grinn, Eduardo Bachmann e as senhoras Catarina Dinkelborg, Regina Glokenkemper, Luiz Ostringer, Ana Oelhafen e Bárbara Schaeffer entregaram ao diretor Dr. Luiz Betin Paes Leme documento firmado por todos, solicitando do Governo da Província sua intercessão junto ao Governo Imperial para que lhes fossem concedidas as gratificações e mais vantagens garantidas em Lei, pedido já feito em 1870. Paes Leme endossou o pedido considerando justas e até sagradas as reivindicações desses colonos e viúvas. Cairam, pois, em defesa da nova Pátria que os acolhera os Voluntários: Antônio Dinkelborg, Germano Glokenkemper, Guilherme Ostringer, Guilherme José Oelhafen e Valentin Schaefer.

No dia 27 de Julho de 1877 os nossos veteranos voltaram a requerer do Governo auxílio "na consideração que lhes merecer", e conforme regulamento. Não encontramos documentos ou notícias relacionadas com a concessão de benefícios a que tinham direito. É certo que sofreram agruras por falta desse direito que o Governo garantira antecipadamente. É bem possível que alguns tiveram o amparo de almas generosas como aconteceu a Raymundo Rodrigues, que faleceu em Brusque com quase 100 anos, extremamente pobre. A Colônia tributou aos que regressaram as honras merecidas e o Governo bem cedo os esqueceu. Posso imaginá-los em suas andanças junto a tantos diretores de nossa Colônia, reclamando com humildade, numa desesperada tentativa de receber pequena parte do que lhes fora prometido. Aos poucos foram desaparecendo e a história apenas guardou os seus nomes. Brusque de hoje bem que poderia, decorridos 100 anos da partida de seus voluntários, render-lhes homenagem, fazendo inaugurar uma rua na forma como tantas outras cidades brasileiras o fizeram: RUA VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA.

Brusque, 14 de Outubro de 1965.

Ayres Gevaerd

Cópia

Colônia Itajahy em 24 de Setembro de 1865.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Accuso a recepção do Offício que V^a. Excia. me fez a honra de dirigir-me confidencialmente do Gabinete da Presidência com data de 5 de Setembro corrente, o qual só recebi no dia 18 do mesmo mez.

Grato a todos os beneficios e benevolencias, que sempre me foram

prodigalizados pelo Imperial Governo e pela hospitaleira Nação do Imperio do Brazil, minha Patria adoptiva a 40 annos, continuo com toda diligencia e de todo coração a cooperar e a promover a apresentação de Voluntários desta Colonia, naturalizados ou não, como briosos defensores do Brazil sua nova e generosa Patria e da alta Soberania do Augusto Imperador, contra os bandos atrozes do inimigo que invadiu o territorio Brasileiro, o devasta e massacra os habitantes com inauditas barbaridades, insultando a honra attentando à integridade do Império. Acompanha-me o pesar dos meus 65 annos de idade, sem os quais eu seria o primeiro de correr á Defeza do Brazil. Apresentarão-se resolvidos e dispostos para pegar as armas n'esta Sagrada Guerra como Voluntarios o colono Guido de Seckendorf, 35 annos de idade, casado e pai de familia — militou em Austria na cavallaria e em Schlessvig Holstein como official de infantaria. O doctor Alexandre Ruffener, actual e erudito medico da Colonia, 36 annos de idade, casado pai de familia, estando sua mulher e filhos ainda na Suissa. O colono Eugenio Rieger, 33 annos de idade, casado, pai de familia, militou na Prussia na divisão pyrotechnica d'Artilharia e no Brazil como official instrutor da Theoria e Exercicio das armas de agulhas fulminantes no 1º batalhão de fuzileiros na Côrte em 1853. Tomo respeitosa e liberalmente a liberdade de expor a Va. Excia. com toda devida franqueza fundada em pronunciadas declarações de vários, que de bom grado se alistariam como Voluntarios, se o Governo Imperial (eles são pobres) lhes mandasse pagar a gratificação de Rs. 300\$000 prometidos a cada um, ou a metade no momento em que se alistão, alem de que os casados possam deixar algum dinheiro á suas familias para arranjos domesticos durante as suas ausencias, e os solteiros para que possam em parte remediar a seus pais a falta que por suas ausencias necessariamente mais ou menos se deriva. Assim animados se apresentarão com tranquillidade e sem receios para suas familias ou paes em numero consideravel e com energia para o nobre serviço de defensores voluntarios de sua nova Patria. Os primeiros que mencionei á Va. Excia. no presente officio serem bem dispostos para o serviço voluntario tem habilitações a serem nomeados officiais. Peço a Va. Excia. para o bem do proprio alistamento de Voluntarios, de mandar especificar com a mais veloz e determinante resposta: quais são as garantias que o Imperial Governo concede a estes Voluntarios, por isto que os decretos Imperiais emanados á favor dos Nacionais Voluntarios da Patria, de que tãobem os não naturalizados gozarão igualmente, afixados nos lugares mais Publicos da Colonia, foram destruidos pelas chuvas e não existem mais. Os mencionados e muitos outros bem resolvidos a prestarem Serviços voluntarios perguntam e querem saber:

“Se as Companhias a formar serão como esperam exclusivamente compostos por individuos a officialidades allemães”.

“Qual é o vencimento completo mensal de cada official conforme a sua graduação”.

“Se os officiaes e medicos recebem a mesma gratificação de 300\$000 ou mais”.

“Qual é o pret-etapes e mais achegos de cada soldado Voluntario por dia”.

“Se os aleijados nesta Guerra por feridas recebem pensão e qual”.

“Se as viúvas daquelles que ficão mortos percebem pensão e qual”.

Os dispostos para se prestarem como Voluntarios requerem que o Imperial Governo lhes mande pagar a gratificação promettida de 300\$000 ou parte della e quanto na occasião de prestarem o juramento a Bandeira, a qual quantia por equidade pedem não ser inferior a qualquer concessão que o Governo se dignar a pagar a Colonos de qualquer outra Colonia do Estado neste sentido. Peço a Va. Excia. que me mande fornecer os meios para poder fazer as despezas como me authorizam os Voluntarios na sua viagem daqui a Desterro, prestarão o juramento a Bandeira. Peço finalmente ordens precisas de Va. Excia. quanto por dia eu posso pagar (Como V. Excia. me authorizou) desde o dia em que se apresentem os Voluntarios nesta Directoria de Colonia de seus soldos, e de mandar-me os meios para isto. É quanto tenho com o mais alto respeito de levar ao conhecimento de V. Excia. e sou persuadido que só e principalmente pelo pagamento adeantado de uma parte da gratificação promettida se apresentam promptamente um bom numero de Voluntarios. DEOS GUARDE a V. Excia.

Illmo. e Exmo. Senr. Dr. Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, Digno. Presidente da Provincia de Santa Catarina.

○ Director da Colonia Itajahy — Brusque: Barão de Schneéburg.

Histórico da Comunidade Evangélica de Brusque — hoje Paróquia Evangélica Luterana de Brusque

Pastor Werner Brunken

As primeiras famílias evangélicas provindas da Alemanha (Schleswig — Holstein, Birkenfeld (Oldenburg) e badenses) chegaram a Brusque com a primeira leva de colonos no dia 4/8/1860. São eles: Augusto Hoefelmann, Frederico Guilherme Neuhaus, Frederico Orthmann, Daniel Walther e Luis Richter. Todos eram casados e tinham filhos.

Já em 1861 chegaram novas famílias evangélicas: Felipe Krug, João Carlos Schuck, Amadeus Feige, Carlos G. Werner, José Krieger, Cristiano Albrecht, Henrique Köhl, Guilherme Krieger, Pedro Stefen, Cristiano Missfeld, Carlos Sacht, Carlos Krieger, Henriqueta Staak, Hening Jonk, Pedro Jensen, João Jorge Hass, Frederico Schroeder, Detlef Horst, João Schwartz, Frederico Gehler, Fernando Jonk, Detlef Todt I e II Nicolau Kistenmacher, Francisco Pedro Haag, Jocê Krume-nauer, Jocê Willrich, Guilherme Jungblut, Antonio Bretske, Henrique Feuneberg, Frederico Kramer, Cristiano Matz, Felipe Krieger, Henrique Niels, Henrique Koch, João Sabel, Henrique Bettermann e Jacó Korb, que se estabeleceram em Bateas (na margem esquerda do Rio Itajaí Mirim), muitos pomeranos. Em Bateas surgiu também a primeira Casa de Oração em 1871. O serviço religioso dirigido por um dos colonos.

As famílias Evangélicas (237) pessoas — 1862) sentiam-se abandonadas quanto ao atendimento religioso. Para batizar, casar e confirmar, precisavam deslocar-se para Blumenau, onde era Pastor o Sr. Oswaldo Hesse.

Já no relatório da direção da Colônia, correspondente ao ano de 1861, dirigido ao Presidente da Província, o Diretor destaca a necessidade urgente de um pastor, a fim de ministrar a religião a cerca de 200 evangélicos, residentes na Colônia.

Em 1º de janeiro de 1862 foi feito um batismo de emergência pelo colono Eugênio Rieger. A criança chamava-se: Heinrich Paul Gustav Philip Ludwig, filho de Johan J. F. Sabel, nascida no dia 23/12/1861. Este ato foi desaprovado pelo diretor interino da Colônia, João André Gogoy Júnior, que afirmava que a criança gozava de perfeita saúde e não havia necessidade de realizar tal batismo. Este foi ratificado pelo Pastor Oswaldo Hesse no dia 21/04/1863.

No relatório da Colônia de 1862 o Diretor da Colônia, Barão Maximiliano de Schneéburg descreveu a situação da Comunidade Evangélica com as palavras:

“Os colonos evangélicos fizeram também nas Bateas e à suas

expensas uma pequena casa também de fraca construção em que se reúnem nos Domingos para o seu Culto. No primeiro relatório sobre o ano de 1861, pediu a Diretoria ao Exmo. Sr. Presidente, como no presente relatório também submeto o mesmo pedido ao conhecimento e a benignidade na determinação de Va. Excia., que se digne incumbir ao Ministro Evangélico da Colônia Blumenau de visitar, pelo menos enquanto o Governo não mandar sacerdotes (alemães) de ambos os Dogmas da Fé, para residirem nesta Colônia, alguma vez no ano, este Estabelecimento, afim de ministrar aos seus Correligiosos os Sacramentos; aonde existem já 237 colonos protestantes que há mais de 2 anos ainda nem uma vez tiveram o consolo de socorro espiritual, havendo entre eles grande número de crianças a batizar e casamentos a ratificar”.

No livro de “avisos” mais antigo da Comunidade Evangélica de Blumenau encontramos referências a Brusque. No 2º dia da Páscoa de 1863 o Pastor Oswaldo Hesse comunicou à sua Comunidade: “Comunico à Comunidade cristã, que nos próximos dias visitarei para atendimento religioso os evangélicos da Colônia de Brusque por ordem do Presidente da Província. Por causa deste fato os cultos aqui não serão realizados nos dois próximos domingos (dias 12 e 19 de abril).

Conforme dados do Pastor Henrique Sandreczki, no dia 17 de abril de 1863 foi aprovada a primeira “ordem da Comunidade de Brusque” com a presença do Pastor Oswaldo Hesse de Blumenau, sendo esta a “data oficial” da fundação da Comunidade Evangélica de Brusque.

O primeiro Culto foi realizado no dia 19 de abril de 1863 pelo Pastor Oswaldo Hesse. Neste culto foi realizado o primeiro batismo oficial por um pastor aqui em Brusque. Trata-se de Heinrich Friedrich Kühl. No dia 20 e no dia 23 de abril seguiram-se outros batismos e casamentos. O livro de Offícios da Comunidade registra também a primeira confirmação: Friedrich Neuhaus no dia 9 de julho de 1875, o primeiro enterro registrado foi de Gustav Neuhaus com 14 anos no dia 23 de março de 1865. O primeiro casamento registrado é de Johann W. Wandrey com Maria Carlota Johanna Jonk no dia 1º de novembro de 1865.

O Diretor da Colônia solicitou ao Presidente da Província que ajudasse a pagar as despesas do Pastor Oswaldo Hesse, para que este pudesse vir de 3 em 3 meses a Brusque. Foi o que o Pastor Hesse fez: vinha no espaço de 3 meses e permanecia aqui de 8 à 14 dias.

Os cultos e offícios eram realizados na casa primitiva de palmitos em Bateas, no rancho da imigração, sem assoalho e sem janelas. Estas visitas periódicas foram feitas até o início de 1865, quando Brusque recebeu seu primeiro Pastor: Johann Anton Heinrich Sandreczki. Este foi ordenado pastor no dia 21 de fevereiro de 1864 em Hürtinger (Suíça) e designado pela Missão da Basileia para ser pregador

para colonos alemães no Brasil, precisamente para ser pastor na Colônia de Brusque. Chegando ao Brasil atendeu primeiramente as Comunidades de Terezópolis e Santa Izabel. Só em fevereiro de 1865 chegou a Brusque.

Escreve o Pastor Sandreczki sobre a sua chegada a Brusque: "Depois de quatro dias cavalgando uma mula, sozinho, ali cheguei de surpresa, sem cantos nem toques de sinos de recepção pública e me apresentei ao Diretor da Colônia, o Barão von Schneéburg, um antigo oficial austríaco" Casa paroquial não havia. Ainda solteiro, residiu com o Secretário da Colônia, Max von Barowski. Tratou logo de comprar um terreno, que conseguiu por preço razoável do Governo e construiu sua casa própria, com 2 cômodos e cozinha. Casou-se com Elisabeth Groben no dia 09/10/1868 no Rio de Janeiro. Seu ordenado era pago pelo Governo Imperial.

Sobre o local para o Serviço Divino da Comunidade Evangélica relata o P. Sandreczki: "Foi-me mostrado um compartimento no antigo, primitivo e tosco rancho de recepção de imigrantes. As paredes do compartimento eram de barro e a cobertura de folhas de palmito. No chão de terra batida, sem assoalho, haviam fincado estacas sobre as quais tábuas serviam de bancos. Uma mesa grosseira, tendo um acréscimo em forma de tribuna, era a combinação de altar e púlpito".

O P. Sandreczki era de opinião que as famílias (já 220) que não tinham despesas com o pastor, estariam em condições de construir sua própria igreja. Foi assim que em 21/11/1865 foi aprovada uma nova "Ordem da Comunidade". Todos os domingos eram realizados Cultos. Em 1866 requereu do Governo um lote de terra para construção da igreja e casa paroquial. Em 1869 iniciou-se a construção da 1ª capela, inaugurada em 1872. Iniciou-se a construção da capela, pois o rancho onde se realizavam os cultos tinha desmoronado e agora estavam sem casa de oração. Sobre a primeira capela diz ainda o P. Sandreczki: "O Governo ajudou com uma pequena verba e construiu-se a igreja, não suntuosa, mas digna". O principal ornamento do altar dessa igreja era uma cópia do quadro "A descida da Cruz" de Rubens, doado pela Rainha da Prússia. O harmônio foi doação da Fundação Gustavo Adolfo, de Stuttgart. Observação: O quadro ainda hoje está no altar da igreja e o harmônio em uso no Centro Evangélico.

Uma das medidas tomadas pelo P. Sandreczki em 1870 não agradou à Comunidade, a saber, a decisão que só crianças com 14 anos completos e que soubessem ler e escrever poderiam ser confirmadas. Diz ele que esta medida tornou-se uma bênção para a Comunidade. A casa Paroquial construída em 1881 era propriedade do P. Sandreczki e foi transferida mais tarde para a Comunidade.

No relatório de 1872 o P. Sandreczki acentuou a necessidade de ter uma Escola Evangélica, pois os filhos dos imigrantes não poderiam ficar sem aprendizagem na escrita e leitura. Empenhou-se pela causa, e em 20/04/1872 fundou a Escola Evangélica, (que inicial-

mente funcionou numa sala anexa à sua casa. Já em 1873 a Escola era freqüentada por 54 crianças. Em 1878 concluiu-se o primeiro prédio da Escola. O Pastor Sandreczki foi professor da Escola até o ano de 1880.

A Diretoria da Comunidade resolveu no dia 14 de julho de 1872 que os cultos dominicais seriam realizados só na igreja da sede da Colônia. Em outros lugares haveria culto só em caso de extrema necessidade. (Centralização do trabalho — hoje estamos descentralizando para melhor atingir os evangélicos — já contamos com nove filiais e a matriz). Esta medida tinha como objetivo criar um “sentimento de comunidade” entre as famílias evangélicas, pois viviam muito afastadas umas das outras.

Já nos primeiros anos de sua existência, houve problemas difíceis para superar, principalmente no sentido financeiro. Até 1882 o Governo pagava o ordenado do Pastor. Mas as famílias eram responsáveis financeiramente para as demais despesas da Comunidade e Escola. Mas muitos não tinham compreensão para esta responsabilidade. Muitos nem sequer pagavam as contribuições anuais. Diz um documento de 1928 que os relatórios anuais estavam repletos de queixas sobre a situação financeira da Comunidade. Em 1881, por sugestão de um membro de Comunidade, o P. Sandreczki falou numa Assembléia sobre o tema: “Para que precisamos uma tesouraria na Comunidade”. Nesta palestra o P. Sandreczki fez a seguinte proposta: “Vamos desintegrar a Comunidade, alugar a igreja e despedir-se de Deus, porque os tempos ficaram ruins e porque a fé, o amor e a esperança acabaram”.

Também a organização externa tinha problemas a superar. Foi assim que no dia 7/03/1875 o P. Sandreczki teve que tomar uma decisão arrojada contra 29 evangélicos, que não tinham assinado os Estatutos da Comunidade e agora exigiam uma Assembléia da mesma.

A sua decisão foi: Só aqueles são membros da Comunidade, os que aceitam os Estatutos e só estes têm o direito de fazer propostas e ajudar a decidir.

A esta altura registramos que o P. H. Sandreczki deixou a Comunidade de Brusquge em fins de agosto de 1880. Transferiu-se para Blumenau, donde visitava mensalmente a Comunidade de Brusquge até o ano de 1889 (21/8). Mas continuou sendo o Pastor responsável pela Comunidade.

Criando problemas para a existência da Comunidade foi fundada no dia 4 de maio de 1883 a “Sociedade Eclesiástica Evangélica” (Evangelisch kirchlicher Verein) com estatutos próprios. Grande parte dos evangélicos filiaram-se a esta sociedade, que deveria defender juridicamente as causas da Comunidade, que no momento estava sem estatutos. Esta Sociedade deveria pagar o ordenado mensal do pastor (parte era pago por Blumenau). Entretanto, esta Socie-

de existiu só pouco tempo. Já em 1884 voltou a integrar-se à Comunidade, que ainda não funcionava com suas assembléias.

Somente no dia 22 de fevereiro de 1885 deu-se uma mudança na organização. Até então a Assembléia era formada pelos pais de família. E isto não funcionou. De agora em diante seriam "eleitos delegados", que como representantes de sua região, assumiriam certas responsabilidades (este princípio ainda hoje está em uso). Esta proposta foi aceita. No lugar da Assembléia da Comunidade existia agora um Conselho Comunitário composto por 21 delegados. Os estatutos aprovados em 1885 foram substituídos por novos em 1907. Em 1885 a Comunidade possuía 212 famílias.

Com a saída do P. H. Sandreczki para Blumenau (1880) o professor E. F. Geithner assumiu a direção da Escola Evangélica. Também ajudava nos serviços da Comunidade, realizando cultos de leitura, enterros e distribuição da Santa Ceia aos doentes. Isto era necessário, pois o P. Sandreczki vinha a Brusque só 6 vezes por ano.

A partir de 1887 a Comunidade expressou que a vinda do P. Sandreczki 6 vezes por ano era demais e resolveu fazer um acordo com o Pastor. Sobre este acontecimento dizem os registros: "Para a Comunidade a palavra de Deus tinha se tornado muito dispendiosa". Mas o P. Sandreczki não concordou com este plano. Tudo permaneceu como antes e houve uma contraproposta: ao completar em 1890 25 anos de serviços à Comunidade, ele deveria receber uma soma de 500 mil réis como doação pela sua dedicação. Esta proposta foi assinada por 31 pessoas.

Em agosto de 1889 o P. Sandreczki visitou a Comunidade de Brusque pela última vez, transferindo-se para os Estados Unidos.

Mesmo havendo vozes contrárias às visitas periódicas do P. Sandreczki, houve vozes fortes a partir de fevereiro de 1887, que desejavam ter um Pastor residindo novamente em Brusque. E no dia 9 de julho de 1887, sabendo a Comunidade que o P. Sandreczki iria embora definitivamente, resolveu pedir um Pastor só para si. No Livro de Atas lemos: "Desejamos um Pastor que de coração creia na Palavra de Deus, que em palavras e ações seja um exemplo para nós".

O Sr. Carlos Renaux, que tinha em mente viajar para a Alemanha, foi encarregado de entrar em contato com o Dr. Fabri, Diretor da Sociedade Evangélica para a América do Sul, para que enviasse um pastor para Brusque. Depois de longa espera a Comunidade de Brusque recebeu o seu 2º pastor, Von Czekus, no dia 25 de maio de 1880, que permaneceu em Brusque até o dia 1º de julho de 1897. Em 1888 foi criada a Sociedade Escolar mantenedora da Escola, substituída posteriormente pela Fundação Educacional Evangélica, mantenedora do Colégio Cônsul Carlos Renaux. Em 1895 a Escola passou para as dependências da igreja, tendo 90 alunos.

(Seqüência histórica da Comunidade, no próximo número)

A Rua das Carreiras

Ayres Gevaerd

A rua mais tradicional, a que mais lembra o vida brusquense sob o aspecto social e recreativo, desde os primeiros dias da nossa Comunidade, é a rua das Carreiras. Naquela rua foram construídos os primeiros ranchos de recepção e hospedagem dos colonos que iniciaram a colonização do Vale do Itajaí-Mirim, em 1860. Lá nossos antepassados se reuniam sob rancho de estacas coberto de folhas de palmitos para as primeiras reuniões sociais e religiosas; para cantar e dançar sob os acordes da gaita do lendário João Lenchow, certamente com consumo de cerveja de fabricação doméstica, aquela "espécie de limonada", na citação do velho Schneéburg em seus notáveis relatórios mensais.

Não se chama exatamente rua das Carreiras. Já se chamou General Osório, Siqueira Campos e atualmente Hercílio Luz. Porém, a não ser oficialmente, ela é conhecida por todos os brusquenses, por "Carreiras", simplesmente "Karrerbahn", pelos nossos avós germânicos.

A origem do nome é evidente: servia de pista de corridas de cavalos, crioulos, matungos e outros ditos, com pitadinhas de sangue mais nobre. O "atilha" das grandes corridas, quando participavam animais de outros lugares, era acertado com certa antecipação. Comumente porém, quando de proprietários aqui residentes, a corrida era acertada no próprio dia.

Não raro degeneravam e as brigas, quando mais violentas, causavam pouca preocupação ao delegado de polícia, porque a cadeia era na mesma rua.

As pessoas de minha geração devem lembrar-se desse edifício, um casarão, construção de enxamel, com uma varanda que circundava todo prédio no 1º andar. Primitivamente se chamava "Casa da imigração", depois foi transformada em cadeia pública, residência do carcereiro e do destacamento policial. Destacamento não é bem o termo, pois raras eram as ocasiões em que Brusque possuía mais do que um policial.

Um pouco além daquele prédio existia uma ala de coqueiros em terreno do Schützen Verein, hoje Clube de Caça e Tiro Araujo Brusque. A grande maioria dos terrenos do lado direito da rua pertenceram

à veterana Sociedade e a venda de lotes proporcionou-lhe bom lucro. O aspecto da rua das Carreiras, hoje, e o de 50 anos atrás pouco mudou.

Muitas casas residenciais das mais antigas famílias brusquenses ainda lá se encontram. Müller, Orthmann, Matioli, Ulber, Pruner, Moritz, Ristow, Schoening, Galle, Schwartz, Orthmann, Krieger, Zink, Hafermann, Harbe e outras mais.

Meus avós maternos foram dos primeiros moradores e donos de muitos lotes que doavam aos filhos a medida que casavam. Hoje, decorridos aproximadamente 60-70 anos, seus descendentes conservam o antigo dote.

A rua das Carreiras, destituída de comércio, apenas duas oficinas de ferraria e carpintaria, sempre foi tranquila. Era de se ver, entretanto, a extraordinária movimentação nos dias de Páscoa, época da festa dos Atiradores, o Schützen — festa que se realizou ininterruptamente, desde 1866, para declinar somente nos anos da segunda guerra mundial, quando a Sociedade sofreu intervenção policial.

A festa de Páscoa continua hoje, porém, sem o entusiasmo e a vibração dos velhos tempos fazendo com que as seguidas diretorias introduzissem modificações nas competições de tiro, bolão e bocha.

O Tiro de Guerra nº 317 foi outra sociedade que sacudiu a rua das Carreiras desde a primeira fase, 1917, depois em 1929 até 1940, quando as diversas turmas se educavam na sede e pátio dos Atiradores.

O velho hábito das reuniões familiares na frente de suas residências, ao entardecer, e nas primeiras horas da noite, ainda é conservado naquela rua. Costume que a vida e a cidade cultivaram durante 60 anos aproximadamente.

Finalmente, para mim, é a rua que mais recordações da infância traz. Brincadeiras infantis, o gostoso café com kuchen, o pão de milho com queijinho e açúcar grosso, os ovos de Páscoa e os brinquedos de Natal.

Suas velhas casas algumas de enxamel, desafiando o tempo, firmes ao lado de uma ou outra construção moderna, gostaria que permanecessem mais alguns anos. Lembram tempos que nunca mais voltarão, além de recordar seus moradores, parentes ou não, dos quais poucos sobrevivem. Que voltem os dias das festas dos Atiradores, que ressurja o segundo dia de Páscoa e que nesse dia a Família Brusquense se reúna novamente, em franca e saudável confraternização, como o fazia no passado.

PERSONALIDADES DO PASSADO BRUSQUENSE

PASTOR WILHELM G. LANGE

Pastor Wilhelm Gottfried Lange, nasceu em 22 de Março de 1858, em Derwitz, Brandenburg, Alemanha.

Em 1886 foi ordenado Pastor em Herrnhut. Durante 3 anos serviu como missionário na Boêmia e na Polônia Russa.

Impossibilitado de ali continuar em virtude das dificuldades e a pressão que a Comunidade vinha sofrendo por parte do governo russo, resolveu o jovem Pastor deixar a Wolhynia e emigrar para o Brasil, acompanhado pela comunidade, composta de 180 membros.

No dia 19 de Maio de 1889 embarcaram em Hamburgo e, depois de uma penosa e difícil viagem de 6 semanas, chegaram ao porto de S. Francisco do Sul. Compraram algumas terras pertencentes ao Município de Joinville, onde se estabeleceram e fundaram uma colônia a qual deram o nome de Bruedertal. Seguiram-se 10 anos de incalculável trabalho e sacrifício na mata virgem. O Pastor Wilhelm Lange resolveu depois aceitar o lugar vago na paróquia de Brusque, onde no dia 12 de julho de 1896 foi introduzido pelo então Pastor daquela comunidade, Rev. Pastor von Czekus. Em 13 anos e meio de atividade na Cidade de Brusque, muito trabalhou não somente em benefício da Comunidade, mas também na vida social e educativa da população. Foi durante diretor da Deutsche Schule, durante anos, onde dava 4 a 6 aulas diárias. Foi o redator do jornal "Sonntagblatt" e maio tarde do "Christenbote". Com grande abnegação fundou um asilo que abrigava muitos velhos de 70 a 90 anos. Para este empreendimento, como aliás em tudo mais, sempre contou com a dedicação da Sra. Pastor, sua incansável companheira, sempre pronta para trabalhar em benefício da Sociedade Brusquense. Quando o Pastor Lange deixou a Comunidade de Brusque, o Asilo de Velhos estava em pleno funcionamento, sem qualquer dívida, com um saldo em caixa de um conto e duzentos mil reis. Com muito amor e com muita alegria o casal Pastor Lange cuidava do Asilo.

Em 1909 o Pastor Lange foi obrigado a deixar a sua querida Comunidade por motivo de grave doença. O seu último culto se realizou em Julho de 1909, quando, apesar de gravemente enfermo, ainda procedeu à solenidade de confirmação de uma grande quantidade de meninos e meninas. No final desta cerimônia, quando dava a bênção à Comunidade, desmaiou em frente do altar. Assim terminou o seu trabalho na cidade de Brusque.

Foi então aposentado e mudou-se para a Cidade de Itajaí a conselho médico. Com o repouso seu estado de saúde melhorou e resolveu voltar à atividade, substituindo então outros pastores, quando isto se tornava necessário, principalmente o de Brusque, tomando conta da Igreja de Itajaí, que era espécie de filial da de Brusque. Mais tarde esteve em Hansa, depois Pomerode. Tomou conta da Comunidade

desta Cidade até que as suas forças não mais lhe permitiram trabalhar. Ficou então definitivamente aposentado e mudou-se para a cidade de Timbó, após o falecimento de sua esposa, a Frau Pastor Lange, ocorrido na cidade de Pomerode. Em Timbó permaneceu em casa de uma de suas filhas até sua morte, verificada no dia 19 de Novembro de 1930.

JACOB BAUER

Filho de João e Maria Olinger Bauer, nasceu Jacob Bauer na então vila de Brusque, no dia 28 de agosto de 1878. Foi casado em primeiras núpcias com Ana Schaefer, em segundas com Alvina Mayer e em terceiras com Maria Júlia Mayer. Dos três consórcios nasceram 12 filhos, que proporcionaram a Jacob Bauer 38 noras e genros, 27 netos, 46 bisnetos e 10 tataranetos.

Quando se escrever a história dos transportes em Brusque, notadamente nos primeiros tempos dos caminhões de carga, mixtos, inclusive, porque então era permitido a inclusão de passageiros, a participação de Jacob Bauer teve apreciável destaque.

A sua atuação deve incluir-se o pioneirismo de José Knihs (cujo caminhão as rodas trazeiras eram revestidas de borracha massiça), Guilherme Silva, José Minich, Carlos Venturelli, Paulo Bork, entre outros que se lhes seguiram. Tempos depois veio a proibição de passageiros em caminhões, quando então apareceram os primeiros ônibus.

Realizava o transporte entre Itajaí e Brusque, na época, em que o porto daquela cidade recebia as cargas destinadas ao vale do Itajaí, procedentes dos grandes centros industriais e comerciais do país.

Sofreu, como os demais concorrentes, e não poucas vezes, a falta de cargas, compensadas no verão com o transporte de famílias, seus móveis e objetos domésticos, para as praias de Cabeçadas, Camboriú e Piçarras. Estas duas últimas despertavam então, para hoje chegar a importantes balneários e centros turísticos de nosso Estado.

Enfrentou, naturalmente com sacrifícios, as deficiências técnicas de seu veículo, a falta de gasolina nos anos da segunda guerra, substituída pelo famigerado gasogênio, cuja adaptação era um trabalho extremamente exaustivo e perigoso. Inclui-se ainda o estado das estradas para Itajaí e Balneários, cuja conservação dependia do bom e do mau tempo.

Quando da revolução de 1930, Jacob Bauer teve seu caminhão requisitado pelas forças do Governo, o que lhe causou serios transtornos, emocionais e financeiros. Um de seus motoristas, João Kling, foi forçado a abandonar o veículo, preocupando mais ainda o seu proprie-

tário, Seu filho Leopoldo, por fim, conseguiu, num gesto de solidariedade e de dedicação filial, recuperar o caminhão, trazendo-o de volta, do Estreito a Brusque.

Suas atividades, antes da participação nos transportes de Brusque foram em Itajaí, em seguida Nova Trento e finalmente Brusque. João Bauer, seu pai, um dos grandes propulsores do progresso de Brusque, desenvolvia então suas organizações: Energia elétrica, tecelagem, fábrica de gelo, vasa comercial (atacado e varejo) engenhos de beneficiamento de arroz e madeiras, etc. Jacob Bauer auxiliou-o no setor comercial, com maior dedicação aos generos alimentícios.

Como tantos outros cidadãos brusquenses que devem ser lembrados, pelo exemplo de dedicação ao trabalho, Jacob Bauer, apesar da humildade de suas atuações, foi útil ao desenvolvimento da Comunidade brusquense.

Faleceu no dia 21 de setembro de 1952, e por ocasião do centenário de seu nascimento, a família lembrou-o carinhosamente, reunindo seus descendentes e amigos, reunião que culminou com Missa no Santuário de Azambuja.

BRUSQUE EM 1910

Receita e despesa do município prevista para o ano, 17:760\$000, respectivamente.

FEVEREIRO

O jornal "Novidades" publica "A uva — contribuição para o cultivo da videira em Santa Catarina" de Georg Boettger.

Reuniu-se o Conselho Municipal e a Comissão especial dos festejos do 50º aniversário da fundação de Brusque. Na ocasião foi resolvido instalar na pequena Praça, fronteira ao palacete Renaux, um monumento comemorativo orçado em 2:000\$000 a ser encomendado na Áustria. Seria adaptado ao mesmo uma rede de água vinda de um reservatório a ser construído em terras do sr. L. Spengler. O sr. Max J. Schumann foi encarregado do serviço de canalização e adaptação.

Do jornal "Novidades": "Origem da designação de Ribeirão do Ouro ao afluente do rio Itajaí mirim". Há uns 70 anos atrás, pelos começos de 1840, quando toda a região que constitui hoje o município de Brusque era um sertão bravo, habitado por bugres, apareceram aí três irmãos vindos dos Estados Unidos da América. Chamavam-se eles Roberto, Augusto e Leweson Leslie e andavam a procura de minas. Depois de terem cruzado todo o nosso sertão, permaneceram durante alguns meses às margens de um córrego, afluente do pequeno Itajaí, e onde, segundo diziam, haviam encontrado ouro, tendo extraído e levado consigo uma boa quantidade desse metal. A notícia do fato espalhou-se e, quando, anos depois, moradores se foram estabelecer perto do ribeirão junto ao qual os três irmãos americanos haviam mineirado, batizaram o riacho, em virtude d'aquela tradição, com o nome de Ribeirão do Ouro. Dos três mineiros, dois voltaram logo depois para os Estados Unidos e o terceiro que entre nós ficou, outro não era que o velho Lessa, conforme todos aqui tratavam o sr. Leweson Leslie, o abastado agricultor, falecido o ano passado (1909) em avançada idade, no lugar Ilhota, neste município. Deste modo se fica sabendo porque tomou o nome de Ribeirão do Ouro o pequeno curso de águas que conflui no Itajaí mirim, próximo às nascentes d'este, e como dos Estados Unidos veio para esta terra, nos tempos em que toda esta região apenas come-

cava a ser conquistada para a civilização, e aqui viveu durante mais de meio século, o simpático e saudoso velho Lessa”.

Contrato do Governo da União com a Estrada de Ferro Santa Catarina. Cláusula IV — Quando o Governo Federal o exigir, a Companhia construirá em prazo razoável, um ramal que servirá a zona colonial do vale do rio Itajaí Mirim até suas cabeceiras. Parágrafo único: Se a Companhia declarar-se impossibilitada de construir este ramal, nos termos desta cláusula, ficará livre a União de promover sua construção pela firma que parecer mais conveniente.

Anúncio no “Novidades” de 18.2: “HOTEL KRIEGER — Brusque, Santa Catarina — antigo Hotel “Zum Deutchen Kaiser”. Comunica a seus bons fregueses que d’esta data em diante continua a funcionar”. Guilherme Luiz Krieger.

MARÇO

Resultado do pleito presidencial em Brusque: Hermes da Fonseca, 240 votos — Ruy Barbosa, 25 votos.

Fundada pequena Orquestra de Câmara sob a direção de Primo Diegoli. Além do diretor faziam parte: Wilibaldo Stracke, Júlio Laux, Gustavo Krieger, Luiz Luebke e Guilherme Diégoli.

Fundada, sob a orientação do snr. Antonio Schwartz, a Banda Musical “Concórdia”.

Sob a orientação dos Revdos. Padres Moeller e Baumhof, é fundado o “Côro Católico”.

Segundo a professora dona Georgina de C. R. da Luz, 1910 foi um ano destacado na instalação de escolas oficiais na vila de Brusque.

Entre as professoras públicas e particulares, merecem destaque: Edwírges Torres de Oliveira, Maria Luiza Mueller, Alzira Mueller, Lúcia Fernandes e Joana Torres.

AGOSTO

As festas comemorativas do 50º aniversário da fundação de Brusque obedeceram ao seguinte programa:

Dia 3 — Retreta pela Banda Musical “Concórdia”.

Dia 4 — As 10 horas — Missa solene.

As 11 horas — Sessão solene do Conselho Municipal.

As 12 horas — Concentração de Associações e alunos das escolas no Paço Municipal. As 12,30 horas — Marcha para a Casa dos Atiradores.

As 19 horas — Marcha Aux ‘flambeaux’. Em seguida representação teatral e Concerto na sede dos Atiradores.

Dia 5 — ao meio dia — Torneio de tiro ao alvo com prêmios.

A noite — Concerto pela Banda Concórdia — Baile popular.

O “Novidades” de Itajaí publica com detalhes as festas comemorativas do 50º aniversário da fundação de Brusque.

Brusque ao completar 50 anos tinha aproximadamente 18.000 habitantes.

O “Novidades” publica os estatutos da Comunidade Evangélica aprovados em Assembléia Geral de 10.11.1907. Carlos Luis Gevaerd, oficial interino do Registro civil etc., Pastor W. Lange e membros da diretoria assinam.

JULHO

Toma posse do cargo de Juiz de Direito da Comarca, o dr. Bento Machado Portella.

OUTUBRO

"O Ouro no Vale do Itajaí — importante relato sobre a existência de ouro no Vale do Itajaí, cuja exploração remonta ao ano de 1651. Transcreve o jornal uma carta sobre o assunto, de Antonio C. Pinto, de 21 de março de 1783". Jornal "Novidades" — Itajaí.

Por iniciativa do sr. Dr. Bento Portella foi fundada uma associação caritativa destinada a "assistir desde o berço, crianças reconhecidamente pobres moral, cívica, intelectual e profissionalmente. Deverá também celebrar anualmente o Natal dos órfãos e crianças inválidas. Primeira diretoria: presidente honorário: Dr. Bento Portella; presidente: Cel. Guilherme Krieger; vice presidente: João Bauer; secretário: Carlos Luiz Gevaerd; tesoureiro: Jorge Boettger; procurador: Germano Schaeffer. Conselho, composto por 30 pessoas.

NOVEMBRO

As duas facções políticas locais concordaram na seguinte chapa para as próximas eleições: Superintendente, Cel. Guilherme Krieger. Conselheiros: Luiz de Marchi, Guilherme Risch, Guilherme Krieger Jr., Rodolpho Tietzmann, Vicente Schaeffer. Juizes de Paz: Amadio Beudschi, Matias Moritz Senior, Oscar Krieger e Primo Diegoli.

Agradável surpresa teve o sr. José Pinotti, lavrador em Águas Claras, antiga Colônia Príncipe Dom Pedro, o qual, ao arar terra, uma peça do arado desenterrou várias moedas de ouro, dólares americanos. Um velho colono considerou a possibilidade de terem pertencido a colonos irlandeses ou norte-americanos da malograda Colônia. Um cidadão, malicioso, disse que era a melhor forma do proprietário vender a terra.

DEZEMBRO

Em benefício da associação de caridade "Assistência", recém-fundada, realiza-se um Concerto musical e vocal, regido pelo sr. Raymond Bridon, com o concurso da Banda Concórdia, dirigida pelo maestro Humberto Matioli. "Novidades" n° 343 registra com detalhes esse festival beneficente.

Encontra-se em Brusque, contratado pelo S. Carlos Renaux, o engenheiro Ritzhaupt para proceder ao exame das minas de calcário do Ribeirão do Ouro. As jazidas, segundo declaração do referido técnico, são inesgotáveis e riquíssimas. Entretanto, há escassez de barro especial para fabrico de cimento, declaração mais tarde contestada pelo sr. Otto Renaux, em carta ao jornal "Novidades".

Documentos da Administração Barão Maximiliano de Schneéburg em 1862

Directoria de Colonia Brusque no Itajahy mirim 10 de Outubro de 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Cumpre-me commear este Officio pelo que devia concluil-o; e isto para levar respeitosaente ao conhecimento de V^a. Ex^a. (antes de todo) a noticia consoladora: que nenhuma victima foi sacrificada pela enchente do Rio d'Itajahy-mirim e as de seus numerosos affluentes, que todos transbordarão, inundando ao longo do seus cursos, todos os terrenos adjacentes.

Desde o dia 7 até á noite de 9 do corrente tivemos aqui furiosas trovoadas com chuveiros a cantaras. As aguas crescerão sobre o seu estado normal à uma altura de 25 palmos, e submergêrão os terrenos de cada lado do seu leito por mais de 300 Braças de extensão interior.

Na rua do Rio d'Itajahy na sede da Colonia, deroubou a excessiva correnteza 3 chupanas particulares, e uma casa de taboada tambem particular; as outras casas da mesma rua, conjunctamente como quartel do destacamento estavam 3 a 5 Palmos de baixo d'agua.

Esta correnteza enlevou tambem não insignificante porção de madeiras falquejadas do Governo, que estavam empilhadas na mesma rua.

Na outra rua perpendicular e por ora principal, estavam as seguintes casas com tanta agua, que as canóas de socorro navegarão no seu interior, carregando gente victualias e mais objetos. As casas que nesta rua principal forão inundadas são: a venda e casa nova de Joaquim Pereira Liberato, — a venda e deposito de negociante La Roche e C^a, — a venda e hospedaria de Pedro Heil, — e a casa de Philippe Krieger; todas sitas ao lado oriental da mencionada rua. Todas as casas da mesma rua do lado occidental a saber: os ranchos de recepção, — o rancho de Directoria, — a velha escola, — a casa de Guido Seckendorff, — as dous casas de Germano Thieme, — a casa da nova escola, — a casa de Dr. Eberhard, — e as casas de Theodor Danckwarth não forão agredidas pelas aguas, mas com tudo, as proximas ao Rio pela differença de meio palmo terião tido agoas nos seus lares.

Todo gente do estabelecimento geral d'esta Colonia forão salvados com seus tréns. Poucos estiverão em perigo eminente. Nemhu-

ma casa destes pequenos proprietarios foi por ora destruida, e perecerão só alguns pequenos animaes domesticos dos mesmos.

Receio frequentes consequencias de saude, principalmente de crencas que mais ou menos estiverão por 2 dias e noites com nos todos, expostos as intemperies da catastrophe.

Grande parte de pontes foi enlevada, e os caminhos comunicativos, como é natural, forão bastante damnificados. Reservo-me a informar à V^a Ex^a circumstancialmente assim que eu tiver podido percorrer todos os lugares deste estenso estabelecimento em todo seu sentido. Trattarei d'este já, da primeira indispensavel urgencia, que é de restabelecer todas as communicações. Immediatamente ficará à meu grave cuidado, de fornecer à quelles colonos, cujos plantações modernas (que apenas á pocas semanas forão feitas, se achão submergidas e perdidas), com novas sementes a saber: feijão, milho, batatas e arroz visto que, por felicidade na infelicidade, ainda podem ser replantados na mesma estação sem demora para não perderem a colheita do semestre.

Suplico à V^a Ex^a., de enviar-me com toda benevola brevidade o dinheiro do orçamento, que subitti à approvação de V^a Ex^a. para o trimestre de Outubro à Decembro; pois neste momento me é indispensavel, digo, me é impossivel de tratar à mandar buscal-o á tempo opportuno.

Outro sim pelo à V^a Ex^a de mandar enviar-me ao menos tarde possivel (afim de que chegue em tempo approvitavel e precioso) sementes da melhor qualidade: 10 sacos de milho, 8 de feijão, 10 de arroz, 10 de batatas, pois estas especies, quando as plantações dos colonos, como as de todos os lavradores proprietarios, soffrirão (pelas innumeraveis ratos que permigrarão todo o territorio, e pelas nuvens de passaros pequenos pretos passageiros) prejuizos de primeira, segunda e terceira replantação destes especies comprei e destribui aos Colonos toda esta semente de novamente, isto é que pude obter, para cujo fim não somente mandei como pessoalmente foi longinquamente buscar. Mui insignificante quantia desta semente resta-me neste momento de urgente precisão no armazem. Os preços da compra que eu fiz, com os preços que actualmente se pretende, augmentarão por mais do que o dobro. Não obstante disto, são estas especies tão raras aqui (por que todos quereção delles para si, ou pretendem fazer usura), e como a melindrosa circumstancia de não poder ausentar-me nesta momentanea crise do meu pequeno povo para ministrall-o os meus preceitos encoragamento, e assistencia pessoal faz, que ousou reiterar à V^a Ex^a os meus dous pedidos supra.

Das casas de negocios salvou-se toudas as victualias, fortuna! pois com as aguas ainde tão altas não podemos contar tão cedo com a chegada de Lanchas com mantimentos novos, o que será assaz lamentoso. Só pelo meio dia do dia 9 começarão as aguas a baixar, e

hoje a gente já regressou à suas casas, e passa a pé pelas ruas, e os moradores interiores já se communicão aprezar com meio corpo alagado.

Neste momento 10 horas de noite relato à V^a Ex^a este acontecimento, e já faz dous horas, que recomeça a trovoada e as chuvas com nova força. O portador pretende aventurar-se a seguir viagem para a Capital. Aproveito a occasião e faço votos para que:

Deos Guarde à V^a Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Sr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o Presidente da Provincia de Sta. Catharina
O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 12 de Outubro de 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

O meu Officio incluso do dia 10 não partio, porque o portador desanimou a fazer a viagem pelas chuvas, que cahirão de novamente em abundancia e encherão outro vez o rio, que já por doze palmos tinha baixado. As 6 horas desta tarde o rio soubio outro vez e só faltarão 21/2 palmo para chegar a altura da enchente do dia 9.

Pelas 7 horas principiou a vazar muito pouco não fiz estrago nas cazas da sede da Colonia, infelizmente destruiu, como é de recear, os ultimos plantações, que a primeira enchente deixou.

Esta manhã já me vierão parte de Colonos, arrostando os perigos para comprar suas mantimentos, attormentando-me com pedidos de socorro pecuniario, que não lhe posso dar sem ordem expressa de V^a. Ex^a. Prometi-lhes sim, nova semente para plantar ainde nesta estação.

Tomo-me a liberdade de submetter à consideração de V^a Ex^a seguinte reflexão: Que entre os Colonos existem parte e não pequena, que não usão d'economia prudente, e assim vão já no princípio do mez nas cazas dos negocios, às quais passão authorizações sobre o seu ganho futuro nos serviços publicos, para que esses lhes fiam mantimentos durante o mez. Chegando assim o fim do mez apresentão os negociantes essas authorizações na directoria e recebem o importe, ficando esses mencionados Colonos outro vez sem dinehiro de contado, com que, comprando a vista, obterião talvez mais barato os mesmos generos.

Por isso Exm^o. Snr.! reflecti com as necessidades urgentes e continuas desta gente, como segue:

Para de uma vez acabar com os continuos pretenções destes Colonos distribuindo a razão, que sempre allagão nas suas inconstan-

tes, digo, incessantes queixas, que o dinheiro, que recebem na Diretoria por seus trabalhos passa nas mãos dos negociantes, à quem já devem e ficando assim sempre sujeitos a continuarem nesta vida de dividas, embora por elles mesmos e por suas incautelas promovida, julgo que um socorro por meio de ainda mais um pequeno abono a elles podia destruir, pelo menos na marcha natural, toda razão de outros exigencias a saber: Quando precisa no fim do mez pagar as authorizações, que passarão os negociantes, V^a Ex^a. digne se consignar-me 2 Contos ao maximum Rs. 2:500\$, para abonar contra recibos igual quantia de dinheiro a cada um, que importe os seus jornaes do mez passado aos negociantes, e isso por uma só vez.

Assim elles tem dinheiro de contado nas suas mãos podem comprar a vista, e no fim de cada mez recebem seus jornaes em mão propria e de contado, podendo comprar como e aonde lhes convem. Se ainda alguns incorrigiveis tornassem fazer novas dividas, com authorizações, então toda e toda culpa é positivamente delles.

O tempo me pressa, serei mais extenso no meu proximo Officio que terei a honra de dirigir circunstancialmente á V^a Ex^a.

Deos Guarde V^a Ex^a.

Exm^o e Revm^o Snr. Conselheiro Vicente da Motta

Digm^o Presidente da Provincia de S. Catarina.

O Director da Colonia

Barão de Schneéburg

A continuidade desta Revista somente
será possível com a ajuda de todos os
brusquenses.

Oitavo número — Tiragem de
— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral da
Felpudos Fenix Ltda.

E

«Novo Hotel Gracher» e
«Hotel Gracher Praia»

Felpudos Fenix Ltda.

— Rua Azambuja, 66 — Caixa Postal. 65 —
Fones: (0473) 55-0604 e 55-0779
88350 — **BRUSQUE** — SANTA CATARINA

Felpudos, jogos de toalhas de rosto e banho, macios,
duráveis e absorventes.

Grande variedade de desenhos e cores.

Colchas de casal e solteiro

Hotel Gracher Praia

Avenida Brasil nº 262 — Esquina com Rua 3300

— Fones: (0473) 66-0577 e 66-0688 —

70 APARTAMENTOS

BALNEÁRIO CAMBORIU — Santa Catarina

Faça deste HOTEL a sua casa no mais belo

Balneário do Sul do Brasil

Novo Hotel Gracher

Av. Cônsul Carlos Renaux, 56

Fones: (0473) 55-1624 e 55-0991

70 APARTAMENTOS

BRUSQUE - Santa Catarina